

O Islã também traz palavra de Deus, diz teólogo católico

NEWTON CARLOS

Da equipe de analistas da Folha

A partir de seu refúgio na Universidade de Tuebingen, na Alemanha Ocidental, o teólogo suíço-alemão Hans Kung abre a primeira discussão séria sobre cristianismo e islamismo. Discussão a partir de uma visão progressista, não dogmática, da Igreja. Já condenado pelo Vaticano, sob a acusação de "heresias", Kung parte para um novo confronto com a instituição católica. Ele contesta o dogma de que Maomé não foi profeta "de verdade". Se insurge contra a "epidemia de exclusividade" do cristianismo.

Há três anos os alunos de Kung em Tuebingen têm acesso às novas pesquisas do teólogo rebelde. Elas se estenderam a incursões ao Irã, para diálogo com autoridades islâmicas. Mas só agora Kung fez um breve relato público de seu trabalho. No salão lotado da conferência, em Tuebingen, estavam muitos seminaristas de lápis nas mãos, anotando tudo. "Acabou o imperialismo cristão", foi a sentença inicial.

Fanatismos

Kung concorda em que há fanatismo no islamismo. Não concorda em que os cristãos tratem isso de forma superior. Lembra a guerra na Irlanda, entre católicos e protestantes. Não estaria impregnada de fanatismos? E o racismo sul-africano, praticado por "bons cristãos"? "A linha divisória entre verdades e não-verdades não passa entre religiões diferentes", diz Kung. Ela corta as religiões. Antes de questionar a religião dos outros é preciso questionar a própria religião. É o convite de Kung nessa nova aventura teológica, destinada a ter repercussões de longo alcance. O Ocidente cataloga o islamismo como expressão de terror. Kung propõe diálogo e compreensão mútua. Proposta a cristãos e muçulmanos.

O islamismo parou há dois séculos, enquanto o cristianismo penetrou no mundo moderno. Coloca questões de industrialização etc. A ocidentalização dos países islâmicos colocou o islamismo diante de "modernizações" consideradas hostis, produzindo a sensação de perda de identidade. Kung disse às autoridades islâmicas

que não é solução voltar à Idade Média. Que é preciso procurar uma saída discutindo com o mundo moderno, partindo para "transformações criativas". Uma fórmula seria procurar entender melhor o cristianismo e suas tendências novas. Ali se encaixaria a Teologia da Libertação.

Também é preciso acabar com velhos confrontos e velhos ressentimentos. Esquecer os tempos das Cruzadas. E também estudar a história do cristianismo nos últimos anos e as mudanças influenciadas por Marx e Freud. Enfim, entender o que é hoje o cristianismo.

Antagonismos

Quanto à Igreja, é necessário que ela archive a sentença do século 15, de que fora da Igreja não há salvação. De que fora da Igreja não há profetas. Para Kung, o Velho Testamento e o Alcorão têm a mesma base. Deus é Alá. Os dois são iguais. O islamismo é um modelo de vida para milhões. Maomé modelou a vida islâmica. Isto deve ser admitido sem restrições. Para Kung, Maomé foi portador da palavra de Deus. Pode-se perguntar se no Alcorão ele transmite a mensagem de Deus palavra por palavra ou com suas próprias palavras. Mas a mesma indagação pode ser feita em relação à Bíblia. O que importa é que há uma mensagem de Deus. Sentença final: o Alcorão e a Bíblia são testemunhos da palavra de Deus.

O que Kung propõe, em última análise, é transformar as duas religiões para que elas se entendam. Com isso, cristãos ficarão melhores cristãos e islâmicos, melhores islâmicos. A estes, aconselha a aprender a entender as palavras "mais radicais" de Jesus. Apesar de anterior a Maomé, Jesus é mais progressista e mais radical. O islamismo ignora isso. Kung projeta a questão no quadro crítico das relações internacionais. Para ele não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Diz que os antagonismos históricos entre Alemanha e França têm um fundo religioso. E que foram dois católicos — o ex-premiê alemão Konrad Adenauer e o general De Gaulle — os responsáveis pela mais séria tentativa do pós-guerra de colocar uma pedra sobre esses antagonismos.

Banco de Dados — 21.11.80



Considerado herege, o teólogo suíço Hans Kung opõe-se ao Vaticano

GMP 2.17.187